

"Temos de avaliar a razão de a invasão existir, mas jamais deixá-la existir"

Jorge Cardoso 28.10.98



A secretária Ivelise Longhi diz que nada será feito com uso da força

Não adianta invadir. Só ganhará lote no novo governo de Joaquim Roriz quem passar pelo crivo da política habitacional. A advertência é da recém-empossada secretária de Habitação, Ivelise Longhi. Segundo ela, morar há pelo menos cinco anos no Distrito Federal e nunca ter recebido um lote continuarão sendo os dois principais critérios para selecionar e beneficiar famílias carentes.

Ivelise garante que todas as ocupações irregulares serão eliminadas. As antigas, depois de um estudo de avaliação. É o caso da Estrutural. E as novas, de imediato. "As pessoas precisam entender que existem formas legais para negociar", diz a arquiteta de 42 anos, que foi secretária de Obras de Roriz no governo anterior.

Nessa entrevista ao Correio, a secretária considera "natural" as novas invasões que surgiram nos últimos meses, durante a transição de governo, e adianta que o "diálogo" com os invasores será a principal arma para des-

mobilizá-los. O aparato policial, "sem violência", garante ela, só será empregado num segundo momento.

Correio — As invasões serão permitidas no governo Roriz?

Ivelise — Nunca foram e nunca serão. Temos de avaliar qual a razão de a invasão existir, mas jamais deixá-la existir. Deve ser coibida logo de imediato. Se há demanda por habitação não será por meio da invasão ou da regularização que se vai resolver o problema. Existem grupos que, de forma organizada, tentam incentivar ocupação de território. Isso governo nenhum deve permitir. E o nosso não vai.

Correio — Como o governo vai coibir as invasões?

Ivelise — Agindo honestamente logo de início e de forma enérgica.

Correio — Usando a força policial se necessário?

Ivelise — Jamais. Nós nunca utilizamos a força. Retiramos invasões

enormes como a do Ceub e a da Boca da Mata, em Taguatinga, e, em nenhuma delas tivemos problema com violência. Você retira conversando com as pessoas. Reunindo com os grupos organizados e discutindo. Se realmente é uma população que está na lista vamos mostrar que um governo sério atenderá a essa comunidade. Basta esperar um pouco e aguardar pelas coisas corretas. Se fizerem de uma forma irregular, mais difícil ainda será a regularização.

Correio — Os invasores que não tiverem direito de ficar na área serão retirados?

Ivelise — Com certeza. Não se pode permitir que as pessoas ocupem área pública de qualquer forma. Essa preocupação não é de agora, não. Desde o primeiro governo Roriz tentamos erradicar as 64 invasões que existiam. E é o que pretendemos continuar fazendo. Somente aquelas famílias que estão na lista limpa do Idhab e as cooperativas devidamente

habilitadas serão atendidas pela política habitacional. Invasão jamais deve ser o princípio para o governo detectar se tem ou não demanda.

Correio — Os invasores que estiverem fora dos critérios da política habitacional serão estimulados a voltar para os estados de origem?

Ivelise — Será que existem tantas pessoas assim que chegaram ontem? Provavelmente não estão unicamente pela vontade de conseguir um lote. Mas porque carecem de um tratamento de saúde ou de melhores condições de vida. Temos de mostrar para essas pessoas que infelizmente isso não é possível e que seria interessante voltarem para sua terra.

Correio — E a Estrutural? Será mantida ou será erradicada?

Ivelise — Vamos fazer um estudo na Estrutural. Saber quem ficou e quem foi regularizado. Mas a vocação do setor é justamente o desenvolvimento econômico. Existem as duas possi-

bilidades. Preciso conhecer a realidade de lá primeiro.

Correio — Os invasores carentes não pagarão por seus lotes?

Ivelise — Temos uma lei, que é a 770, que define que os lotes de programas de assentamento de baixa renda serão doados. Essa lei continua em vigor e nós sempre respeitamos a lei. Às vezes cobrar um valor simbólico onera até mais a máquina do Estado por causa da burocracia.

Correio — Por que estão surgindo invasões novas?

Ivelise — Toda mudança de governo gera expectativa nova. É natural. Foi assim também no governo Cristovam. A Estrutural, por exemplo, tinha 475 famílias. Em pouco tempo chegou-se a mais de três mil famílias.

LEIA AMANHÃ

Como estão a Estrutural, o Areal e Samambaia